

## JOGOS CLÁSSICOS UM ARQUÉTIPO NO MUNDO OCIDENTAL

Amós Coelho da Silva (UERJ, UGF)

Em latim, *Ludus*, no singular, designa, *jogo, divertimento, passatempo*, no plural, *Ludi*, *jogos de caráter religioso ou oficial*. O Latim Corrente preferia *iocus* e fez chegar ao Português *jogo*, como sempre pelo caso lexicogênico, o acusativo: *iocu(m) > jogo*.

Jogo em grego se diz ἀγών, agón, tendo como plural ἀγῶνες, agónes e significa originariamente assembleia, reunião (para jogos, festas, atos religiosos...). O termo ἀγῶν, agón, é um substantivo masculino que designa o resultado de um ἀγῶν, agón (pilhar, saquear; a expressão ἀγῶν, agón & ἀγῶν, agón, na Ilíada 5, 484, etc.<sup>13</sup> significando “saquear” com o primeiro verbo se aplicando a homens e o segundo a animais) e denota com mais frequência em Homero “assembleia, reunião para jogos e por extensão combate, litígio e demanda”. Somente a partir de Aristóteles e Demóstenes (ambos de 384 a 322 a.C.) que ἀγῶν, agón, passa a significar “angústia” e foi tomada emprestada pelo latim eclesiástico *agonia*, donde o português *agonia*.

Johan Huizinga aquilata os jogos como os fundamentos da civilização, tudo aquilo que reputamos como forma de belo e de nobre jogo iniciou a partir de um jogo sagrado. Assim, *torneios e justas, as ordens, os votos, os títulos, são todos vestígios dos ritos de iniciação primitivos* (HUIZINGA, 1980: 117). O jogo é, enfim, um artifício mais arcaico que a cultura e a articulação dele se processa como a mimese do conceito aristotélico, quando este afirma ser a imitação uma tendência *instintiva no homem, desde a infância. Neste ponto distingue-se de todos os outros seres, por sua aptidão muito desenvolvida para a imitação* (ARISTÓTELES, 1964: IV, 2ª p., 266).

Para o filósofo estagirita, há prazer na imitação e através dela é que se dá aquisição do conhecimento.

As principais aquisições da sociedade seriam atividades ar-

<sup>13</sup> CHANTRAINE, Pierre. Verbete ἀγῶν, agón, ἀγῶν, agón, ἀγῶν, agón et rare ἀγῶν, agón (Tim.Antiphon), pf. ἀγῶν, agón





*canto da jandaia*. É um tupinismo formado de *cemo*, cantar forte, e *ara*, pequena arara ou *periquito*. Nossa abordagem se deterá em alguns antropônimos.

O aposto de Iracema, *a virgem dos lábios de mel*, está contido em *ira*, (mel) e *cema*, (lábios); Martim, quer dizer *filho de guerreiro* (*Ibidem*. p. 20) e provém de *Marte*, deus romano da guerra e o sufixo *-im* (filho de), como se atesta no romance de Alencar. Araquém, o Pajé dos tabajaras e pai de Iracema, é um nome criado pelo romancista cearense, mas sem lhe acrescentar qualquer observação de rodapé. Eles pertencem à nação tabajara (de *taba*, *aldeia* e *jara*, *senhor*, ou seja, os senhores das aldeias).

Numa assembléia, Andira, que denota uma espécie de morcego, interveio e recomendou prudência: -Andira, o velho Andira, beberam mais sangue na guerra do que já beberam cauim nas festas de Tupã todos quantos guerreiros alumia agora a luz de seus olhos (*Ibidem*. p. 25). Ao que Irapuã, o chefe da tribo, retrucou: -Fica tu escondido entre as igaçabas de vinho, fica, velho morcego (*Ibidem* p. 26). O que persistiu no Brasil foi a forma *andirá*, mas como topônimo e derivado de outro significado, ou seja, do s.m. *Andirá*, significando nome de planta (MACHADO, 1952, s.v. *Andirá*).

O filho de Iracema com Martim é Moacir: de *moacy* (dor) e sufixo *-ir* (saído de); *Moacir* é o brasileiro. Iracema diz quando o dá à luz: -*Tu és Moacir, o nascido do meu sofrimento* (ALENCAR, 1964: 115). E mais adiante, com o auxílio da gula de uns cachorriños do mato, os quais sugam-lhe as tetas untadas com mel de abelha, propiciando a formação de leite no peito, Iracema realiza a suprema proeza de alimentar o seu filhinho e o Autor, como narrador, se exprime: *Ele é agora duas vezes filho de sua dor, nascido dela e também nutrido* (ALENCAR, 1964: 120).

Note o trecho de Batuireté (de *batuira* e *etê*, figuradamente é valente nadador), e passou ao topônimo Batuirité, nome de serra do Ceará, transmitirá o tacape a Jatobá (de *jetaí*, resina dura, -oba, folha - e a, aumentativo: árvore de grande porte). Como Batuireté “dizia com tristeza ‘Ah! meus tempos passados!’ [ou seja, Qui - ah!, xere - meus, amôbinhê - outros tempos]”, José de Alencar vai indicar a origem de Quixeramobim no capítulo XXII, de *Iracema: A gente que ouvia chorava a ruína do grande chefe, e desde então, passando por aqueles lugares, repetia suas palavras, donde veio chamar-se o*

rio e os campos, *Quixeramobim* (*Ibidem*, p. 87). (Na nossa edição veio está no singular).

O aposto *senhor do caminho* (*Ibidem*. p. 38) para Caubi é explicado por Alencar em nota de rodapé como proveniente de *guara*, *senhor* mais *-py*, *guia*: *O irmão de Iracema tem o ouvido sutil que pressente a boicininga [de bóia, cobra, cininga, chocalho: cobra cascável] entre os rumores da mata; e o olhar do oitibó que vê melhor nas trevas. Ele te guiará às margens do rio das garças* (*Ibidem*. p. 22).

Numa outra passagem, o nome Irapuã provém de *Ira* (mel) e *puã* (redondo, cf. o formato da colmeia), o que, filologicamente, é um princípio estóico, trazido para os estudos etimológicos latinos de Élio Estilão (fim do séc. II a.C.) e denominado em grego *katà antíphrasin*, i.e., *a designação de algo por nome oposto*, como fez Élio nos seus fragmentos...*bellum quod res bella non sit...*(guerra, em lat. *bellum* > porque não é uma coisa bela < em lat. *bella* >, quer dizer, homônimo de *bellum*, *guerra*, é um nome de sentido contrário ao nome *bella*, *bonita*). Mas Irapuã não é um pote de mel! Ao contrário, é um amargo rival de Martin.

Além da expressividade lírica, passaram a integrar a nossa antroponímia, como é caso de protagonistas como *Ubirajara*, *Peri...* *Ubirajara* provém de *übürai'yara*, *senhor da vara, gente do tacape* (MACHADO, 1952a, s.v. *Ubirajara*).

O índio *Ubirajara*, que pertence à nação Araguaia, tem três nomes. Como *Jaguarê*, indicativo de sua força, coragem e ferocidade, assim mesmo é *jaguar*, iniciará o ciclo heróico quando encontrar um combate à altura do seu valor. Travado o combate singular com o rival *Pojucã*, que pertence à tribo dos Tocantins e cujo nome provém da contração *I-po-jucá*, ou seja, eu mato gente, *Jaguaré*, vencedor, se torna *Ubirajara*. Sob o disfarce de *Jurandir*, uma concentração da frase *Ajur-Andy-pyra*, ou seja, *o que veio trazido pela luz*, torna-se hóspede e consegue se inscrever no combate nupcial, como competidor que almeja a mão de *Araci*, que se compõe de *ára*, *dia*, e *cei* ou *ceji - grande estrela*. O herói desposará tanto *Araci* quanto *Jandira*, do nome de uma abelha *Jandaira*, *a que fabrica mel*.

Apesar da banalização que o Capitalismo impõe às Olimpíadas, à Copa do Mundo e aos esportes em geral, se escondendo atrás de interes-

ses apenas políticos, ainda há a sobrevivência do sonho da confraternização e do estoicismo helênico de Alexandre Magno, ou seja, a humanidade unida por único ideal, inculcidos nos jogos. Nem mesmo um Adolfo Hitler destruirá o brilho de uma herança como essa nossa. Ao contrário, será sempre lamentado o equivocado incidente que ele promoveu, não reconhecendo a vitória do atleta americano, só porque este não um ariano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, José M. de. *Iracema*. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- . *Senhora*. São Paulo: Ática, 1977.
- . *O Guarani*. São Paulo: Ática, 1992.
- . *Ubirajara*. São Paulo: Saraiva, s/d.
- ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Arte Poética*. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia e da Religião Romana*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- . *Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- COUTINHO, Afrânio. *A Literatura Brasileira: Romantismo*. Rio de Janeiro: Distribuidora Record, 1968.
- ERNOUT, A. & MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine - histoire des mots*. Paris: Klincksieck, 1985.
- HOMÈRE. *Iliade*. Texte établi et traduit par A. Perron. Paris: Hachette, s/d.
- HOMERO. *A Ilíada*. Trad. E adaptação de Fernando C. de <sup>a</sup> Gomes. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s/d.
- HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: O jogo como Elemento da Cultura*. Trad. de João P. Monteiro. S. Paulo: Perspectiva, 1980.
- MACHADO, José Pedro. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Confluência, 1952.
- . *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Confluência, 1952a.